

Patrimônio ideológico¹.

Mabe Bethônico

Artista, professora da EBA/UFGM, mestre e doutora pelo Royal College of Art, Londres. Participou da 27ª e 28ª Bienais de SP (2006 e 2008), Panorama da Arte Brasileira/MAM SP (2005). Desde 2000 constrói o museumuseum, disponível em www.museummuseum.art.br.

Maíra Fonte Boa

Graduanda da EBA/UFGM, bolsista PIBIC CNPq (2010-2011), com orientação da Profa. Dra. Mabe Bethônico. Participou das mostras *Enche e Elo*, Centro Cultural UFGM (2011); *Kazza Vazja-613*, conjunto Pedregulho, RJ (2009). Recebeu o prêmio *MOSTRA!* da Exposição Anual dos Alunos da EBA, 2011.

Resumo. A partir da implementação de museus pelo Estado de Minas Gerais em parceria com instituições privadas, que integram o recente circuito cultural da Praça da Liberdade em Belo Horizonte, observamos o Museu das Minas e do Metal e o Memorial Minas Vale. O que implica a gestão desses locais por empresas mineradoras privadas? Nessa esfera museológica, questionamos como as propostas pedagógicas e discursos são instrumento a favor de um patrimônio de credibilidade das empresas ao invés de uma memória cultural crítica. No decorrer do texto são exemplificadas as camadas ideológicas a que os acervos estão subordinados, e de que forma ele é manipulado no intuito de legitimar o papel das empresas na sociedade.

Palavras-chave. museum, ideologia, cultura, patrimônio, mineração.

Ideological heritage.

Abstract. From the implementation of museums by the State of Minas Gerais, in partnership with private institutions, which integrate the recently established cultural circuit of Praça da Liberdade in Belo Horizonte, we observed the Museu das Minas e do Metal and the Memorial Minas Vale. What implications have the management of these places by major mining companies? In a museological sphere, we questioned how the pedagogical propositions and discourses are instruments in favour of the heritage of the companies' credibility instead of a critical cultural memory. In the text it is exemplified the ideological layers to which the "assets" are subordinated, and how they are manipulated in a way to legitimise the role of the companies in the society.

Keywords. museum, ideology, culture, heritage, mining.



A globalização conseguiu materializar a metafísica, mediante o papel desempenhado pela ciência e pela técnica na produção das coisas. Há uma materialização física e uma realização primitiva, embora sofisticada, da ideologia. Tudo é ideológico. Estamos dentro de um mar de ideologias. Tudo é produzido a partir de uma ideologia, mas as coisas não aparecem como tal. Somos cercados por coisas que são ideologia, mas que nos dizem ser a realidade. Isso nos constrange, porque forma um sistema muito forte; e qualquer discussão que indique ser aquilo ideológico é desqualificada.

(SANTOS, 2000, p. 10)

Com a transferência das atividades do Governo de Minas Gerais em 2010 para a recém construída Cidade Administrativa, os palácios que circundam a Praça da Liberdade foram destinados a compor o projeto do maior conjunto integrado de cultura do Brasil: *Praça da Liberdade: Circuito Cultural – Arte e Conhecimento*. Este projeto foi realizado em parceria com instituições privadas, que viabilizaram a restauração dos palácios, antigas sedes administrativas de Belo Horizonte, e sua transformação em museus e espaços culturais. Os novos espaços são: Centro Cultural Banco do Brasil, Centro de Arte Popular – Cemig, Espaço TIM UFMG do Conhecimento, Memorial Minas Gerais – Vale e Museu das Minas e do Metal – EBX. Integram ainda este conjunto o Arquivo Público Mineiro, a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, o Museu Mineiro e o Palácio da Liberdade.

Verificando a ausência de uma memória visual organizada sobre a história da mineração, em Minas Gerais de modo geral, visitamos os novos museus Memorial Minas Gerais – Vale e o Museu das Minas e do Metal – EBX, onde apenas confirmamos o silenciamento das implicações dessa atividade essencial na formação da própria história de Minas Gerais. Dentre os acervos nas diferentes instituições públicas do estado, a iconografia relacionada aos trabalhos e funções mineradoras, suas paisagens e reflexões econômicas, políticas e sociais em fotografias, mapas, jornais ou livros é esparsa, rara. O reconhecimento e identificação da mineração está impregnado no imaginário coletivo e indisponível, ou invisível, em acervos documentais do Estado.

No Memorial Minas Gerais – Vale encontra-se um acervo temático construído sobre “a alma e as tradições de Minas Gerais, contadas de forma interativa e contemporânea. Cenários reais e virtuais se misturam para criar experiências e sensações que levam o público do século XVII ao século XXI”, visando “transformar patrimônio cultural e histórico em experiências e emoções para o visitante.”²² Já o Museu das Minas e do Metal – EBX vem abordar a “relação



da história e das expressões culturais do Estado de Minas Gerais com a riqueza de suas minas e recursos naturais e também para celebrar a identidade do Estado e do seu povo” traduzindo:

[...] a formação e o desenvolvimento de uma região, revelando duas das principais atividades econômicas de Minas Gerais: a mineração e a metalurgia. [...] Entender o metal, os minérios e os seus componentes, significa entender o motor fundamental, não somente da industrialização e do desenvolvimento de uma sociedade, mas também da vida.³

Em salas temáticas que se caracterizam como atrações, temos o discurso da importância dos metais. Na sala *Vale quanto pesa* do MMM⁴, o espectador é convidado a se postar numa plataforma onde se vê como um vulto projetado na parede à sua frente. Junto a seu peso, vê-se uma previsão da quantidade de cada metal existente no organismo. Em outra sala, uma imagem de um *Bebê brasileiro* mostra a quantidade de metais que um bebê nascido hoje consumirá ao longo de sua vida. Na sala *Matéria prima* é narrado em dois minutos o nascimento do universo até o desenvolvimento humano, salientando que no início a Terra era constituída de minérios e metais e a descoberta pelo homem de técnicas de manipulação desses metais foi essencial para seu desenvolvimento. Estimulado por essas e outras atrações, o espectador é convidado a inferir não somente que os metais fazem parte da constituição de si mesmo e do mundo, mas de que a mineração, pela qual o homem adquire e beneficia esses materiais, é *natural* para a sua sobrevivência.

Já no Memorial Vale, quando o espectador entra na *Sala Vale* é convidado a participar da *Família Vale* e tirar uma fotografia 3x4. Essa prática, além de reafirmar um valor identitário já veiculado em todas as outras salas, como *A Família Mineira*, *Panteão da Política Mineira*, *Povo Mineiro*, legitima a empresa Vale como provedora e responsável pela manutenção das expressões culturais existentes em Minas. Enquanto o Memorial omite qualquer relação da empresa com fatores socioeconômicos, como a desabituação, a poluição ambiental, silenciando todo e qualquer reflexo da presença da grande mineração sobre as comunidades, falseia um vínculo familiar e afetivo entre a empresa e o visitante, inserindo o indivíduo num acervo fotográfico pertencente e aderido à empresa. O cidadão afetado é instrumentalizado, usado numa construção de uma imagem supostamente coletiva da empresa e apenas a seu favor.

Os discursos desses museus estão diretamente vinculados à política das empresas que os gerenciam:



[A EBX] concentra sua atuação na identificação de oportunidades de investimentos nos setores de infraestrutura e recursos naturais, áreas fundamentais para o desenvolvimento do Brasil e que possuem importantes diferenciais competitivos. Um dos nossos pilares de atuação é gerar riqueza a partir do zero, contribuindo para o crescimento do País com empreendimentos estruturantes, eficientes e com tecnologia estado-da-arte. Para sua implementação, contamos com os melhores talentos do mercado e aplicamos uma gestão que chamamos de Visão 360º de Empreender, executando de forma eficaz todos os processos e etapas de nossos negócios.⁵

A EBX é investidora em diferentes segmentos, incluindo a mineração, a MMX, que também é parceira na gestão do MMM. A Vale salienta: “Nosso maior orgulho é saber que fazemos parte da vida de milhares de pessoas no mundo. Seja nas residências, nos escritórios, nos supermercados. Estamos no seu celular, no seu carro, em cada um de seus eletrodomésticos e até mesmo nas moedas que você recebe de troco. Como transformadores de recursos minerais, produzimos ingredientes que dão forma a produtos essenciais.”⁶

Utilizando-se do espaço museal, privilegiado por sua atuação nos processos de ensino e formação do indivíduo e pela construção e manutenção do imaginário coletivo, essas duas empresas utilizam de seus discursos, presentificados nos aparatos tecnológicos em forma de atrações, para compor um acervo ideológico semelhante, que juntos legitimam a atividade mineradora como necessidade *natural* do homem para sua sobrevivência e desenvolvimento. A ideologia é aos poucos tecida no propósito de legitimar esta atividade na sociedade enquanto provedora respeitosa à vida, em seu importante papel desenvolvido com e para a sociedade através da geração de empregos e aumento da arrecadação de impostos, omitindo, para este fim, os fatos históricos sobre a exploração do trabalhador minerador, os trabalhos em suas diferentes hierarquias e funções, as comunidades diretamente afetadas em torno das minas e tantas implicações consequentes da extração mineral e seus efeitos.

Além da espetacularização da atividade mineradora, há uma infantilização da maioria do conteúdo apresentado nesses museus, ficando difícil definir a que público eles se destinam. Eles contêm diferentes artefatos, em grande parte supostamente interativos, num perfil de *Museu de Quarta Geração*. Além das rochas, o acervo do antigo Museu de Mineralogia que se situava na mesma praça e que agora integram o acervo do MMM na forma de comodato, o que se pode ver aqui, não diferentemente do Memorial Vale, são narrações teatralizadas e superficiais sobre a história mineira e jogos que reproduzem formatos televisivos. A animação do bandeirante, que em monólogo, se apresenta como importante sujeito



responsável pela entrada nas minas atrás de riquezas, adota uma linguagem e vocabulário como se apresenta um produto, mais do que agente histórico reflexivo. No Memorial Vale os guias são obrigatórios, – não se permite a visita espontânea – ligam e desligam salas, abrem e fecham cortinas, portas, reinicializam máquinas e indicam o percurso, as regras, o tempo, controlam cada grupo de visitante para conduzi-lo junto através do edifício.

Os museus se utilizam de um discurso inclusivo para que a cidade se sinta contemplada nas atividades dessas empresas. Os dois prédios são postados como grandes *cartões de visita*, além de ironicamente estarem localizados em prédios de antigas secretarias, ou seja, centros do poder e do Estado. Essa coincidência reflete como as negociações entre o Estado de Minas Gerais e essas duas empresas se dão. Tanto a EBX quanto a Vale influenciam o governo nas políticas territoriais, sociais e trabalhistas, numa dinâmica própria do sistema econômico em que estamos inseridos. Como explica o geógrafo Milton Santos, em uma dinâmica de competição de mercado e de território, numa lógica particularista, ganha corpo o processo de privatização do território através do uso privatista de recursos públicos.

Nesse processo, ganha mais quem é mais forte. Na lógica de grandes empresas seguem outras de setores agrícolas, industriais e de serviços, e também o comportamento do poder público, da União, dos Estados e dos municípios, indicando-lhes formas de ação subordinadas. (SANTOS, 2008, p. 96).

O que quer dizer que cada vez mais o comando da vida econômica e social e da dinâmica territorial se encontra nas mãos de um número limitado de empresas, caracterizando um processo corporativo, em que, o Estado vê-se cada vez mais incluído na lógica empresarial que serve às grandes empresas, como a Vale e a EBX.

Enquanto *cartões de visita*, os museus, inseridos nessa lógica corporativa, acabam por exercer a função de corroborar para tornar o papel exercido pela empresa um caso exemplar, legitimando-a perante a sociedade em seus papéis econômicos e sociais, exaltando o progresso e desenvolvimento gerado através de suas atividades. Dessa forma, ao aproximar-se de uma atração do MMM sobre a história da mineração no Brasil, caracterizando a formação do Estado de Minas Gerais, tem-se uma história que oculta as lutas de classes, os vínculos de trabalho e de exploração do mesmo, que omite os crimes ambientais, sociais e patrimoniais que as empresas mineradoras cometem priorizando lucros⁷. As informações ausentes ocultam e ao mesmo tempo naturalizam a segregação social e reafirmam,



portanto, a exploração de uma grande parte da população em favor da pequena parcela dominante.

Essas relações são reproduzidas e inculcadas no indivíduo, a partir dos programas educativos desses museus, tendo as novas tecnologias e interfaces como necessidade comum dos espectadores, criando diferentes formas *interativas* de prover acessibilidade, que vão desde os textos informativos sobre os próprios museus, seus eventos e acervo temático. O que se tem são visitantes super estimulados por uma programação que apresenta ao mesmo um entendimento determinado sobre o tempo e o espaço que habita, sobre sua história, que influi no seu processo de construção identitária e cria necessidades comuns, numa estratégia que reduz o indivíduo aos índices de democratização e acessibilidade, de consumo.

Buscando elucidar, diante desse jogo de poder entre o Estado, as entidades privadas (Vale e EBX) e a sociedade civil, o que é gerado e o que retorna para a comunidade através desses museus, apresentamos definições de museu e patrimônio, pela Legislação e regulamentação brasileira:

Museu: Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades.

Art. 5º Os bens culturais dos museus, em suas diversas manifestações, podem ser declarados como de interesse público, no todo ou em parte.

§ 1º Consideram-se bens culturais passíveis de musealização os bens móveis e imóveis de interesse público, de natureza material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência ao ambiente natural, à identidade, à cultura e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.



§ 2º Será declarado como de interesse público o acervo dos museus cuja proteção e valorização, pesquisa e acesso à sociedade representar um valor cultural de destacada importância para a Nação, respeitada a diversidade cultural, regional, étnica e lingüística do País⁸.

Patrimônio: 1 material: “conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.”

2 imaterial: “A Unesco define como Patrimônio Cultural Imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. [...] O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.”

Dessa forma, podemos identificar como patrimônio dos museus os prédios destinados à constituição do MMM e do Memorial Vale, e que correspondem respectivamente à antiga Secretaria da Educação e Secretaria da Fazenda, tombados pelo Iepha, e restaurados pela iniciativa das empresas. O acervo construído para os museus são também patrimônios, bem como as expressões culturais, a história de Minas Gerais e seus recursos minerais. A parcela de ideologia presente não só na apresentação desses conteúdos mas na organização dos espaços, na política de funcionamento e nos eventos promovidos, diz respeito às empresas. A Vale e a EBX e os benefícios gerados por elas, em termos de desenvolvimento econômico brasileiro e seu reconhecimento internacional, seu incentivo à cultura por meio de isenção fiscal, os empregos por elas gerados, ocultando o interesse maior pelos lucros que beneficiam os grandes acionistas e não necessariamente o Brasil, se postam enquanto patrimônio.

Um exemplo da utilização do espaço do museu para eventos é a exposição recente da AuDITIONS (agosto 2011), da AngloGold Ashanti: o maior concurso de design de jóias em ouro do mundo, cujo tema era *Sincronicidade – valores humanos*



através do tempo. A AngloGold é dona hoje da antiga Mina Morro Velho, que já foi a mina mais extensa do mundo e uma das mais antigas do Brasil. Há um espaço reservado a essa mina de ouro no MMM; uma simulação de um elevador em movimento que nos apresenta virtualmente a descida ao subsolo. A Mina de Morro Velho foi palco de grandes conflitos sociais e ainda que desativada desde há poucos anos, arrasta mais de dois mil processos na justiça. Em 2009, à época da desativação, a empresa devia indenizações pela insalubridade das condições de trabalho a 3.077 funcionários empregados nas décadas de 70 e 80. Muitos atingidos pela silicose faleceram sem o recebimento das indenizações¹⁰. Essa história é ocultada no elevador temático. Quando nele entramos, somos recebidos por Dom Pedro II, que relata a riqueza da mina e quanto desenvolvimento trouxe à nação. A história de Nova Lima em torno da mineração é desconsiderada no percurso do elevador, bem como as lendas advindas de crenças e importantes fatos ocorridos ali. Nada se diz das lutas trabalhistas que marcaram a história de Morro Velho, e D. Pedro é por fim parabenizado pela esposa por sempre ter valorizado a educação e por seu empenho em dar fim à escravidão, falando justamente da mineração, cujo sustento se deu pela exploração do trabalho escravo, sempre em situação de extremo risco e pobreza. Em 1867, Richard Burton e sua esposa, Isabel, visitaram Morro Velho. Ela desceu dentro de uma caçamba até os recônditos escuros da mina. Nessas galerias, os negros trabalhavam movimentando-se como gatos, amarrados e dependurados por correntes, manejando alavancas, em extremo calor e umidade. Lady Burton comparou Morro Velho ao inferno de Dante.

O vazio de sentido deste elevador no Museu, que nos conduz sem nenhuma profundidade à questão minerária, é ainda maior se pensamos na obra *Western Deep*, do artista Steve Mc Queen, apresentada na Documenta de Kassel em 2002. Documentando as condições de trabalho na mina Tautona próxima à Joanesburgo, o filme se inicia pela descida ao subsolo desta que é considerada a mais profunda mina da Terra. No extremo escuro da viagem de elevador que levará à base da mina, a impressionante qualidade de áudio traz os ruídos agudos dos cabos, a frequência mecânica de ventiladores e motores, sons que reverberam com intensidade pelo corpo, enfatizando a perda de referência espacial. Uma vez parado o elevador, o silêncio repentino causa medo, quando poucos pontos de luz apontam para paredes irregulares escavadas na rocha, que levam a túneis indefinidos. A estratégia de invisibilidade possibilita aqui intensa experiência sonora que reproduz a sensação brutal do lugar.

A tentativa de controlar e disciplinar integralmente os significados dos objetos e apagar as marcas do seu nomadismo no tempo e no espaço [...] tem produzido “museus-



espetáculos”. Submetidos a uma lógica que reduz a cultura à condição de produto de mercado, higienizado e limpo das marcas (de suor e sangue) que lhe conferem a humanidade. (CHAGAS, 2009, p. 221).

A constituição das instituições pela Vale e EBX viabilizam meios de propagandear benefícios sociais que nem as empresas ou suas atividades garantem para a sociedade, que ao contrário, exploram o meio ambiente e o trabalho de modo inescrupuloso.

Os conteúdos dos museus não somente contém em si respostas prontas, mas os valores por eles veiculados dizem respeito às empresas, ao patrimônio privado, e estão subordinados aos seus interesses particulares. Nesses museus estão representados o Estado e o grande capital, onde se instaurou uma memória omissa em relação à práticas abusivas dominantes. Essa memória *seletiva* oculta a história da atividade mineradora, a subordinação e a supressão do indivíduo, o imaginário impregnado nas comunidades, a transformação da topografia paisagística, ignora ainda documentos e a memória material, exatamente devido à sua impregnação humana.

Segundo Florestan Fernandes¹¹, a lógica do apagamento de uma memória coletiva do trabalho leva ao apagamento, no presente, da consciência do indivíduo sobre o seu papel na luta de classes. Ou seja, deturpa o processo da constituição da consciência histórica destes indivíduos.

Dessa forma, o Museu das Minas e dos Metais – EBX e o Memorial Minas Gerais – Vale deturpam o sentido do museu enquanto lugar para a formação e conscientização do indivíduo enquanto sujeito da sua destinação histórica e sobre seu papel na sociedade. É necessário avaliar criticamente o que se alcança quando empresas privadas adquirem poder sobre instituições legitimadoras de conteúdo cultural. Por outro lado, há que se ressaltar o abandono de sua própria história pelo Estado, incapaz de gerar instituições cujos conteúdos não são determinados pelos interesses dos patrocinadores.

¹ Trabalho gerado a partir de pesquisa apoiada pelo *Programa Pesquisador Mineiro* da FAPEMIG, de título *Ficções Institucionais*, coordenada por Mabe Bethônico. e bolsa BIC CNPq – EBA/ UFMG 2010-2011. Um dos objetivos da pesquisa é o desenvolvimento da Casa Minerária, um núcleo de ações e obras que especulam sobre a memória da mineração em Minas Gerais.

² <http://www.memorialvale.com.br/site/memorial-minas-vale/>



³ Informações transcritas do material informativo distribuído pelo Museu das Minas e do Metal – EBX.

⁴ A fim de facilitar a fruição do texto, passaremos a designar o Museu das Minas e do Metal – EBX como MMM, e o museu Memorial Minas Gerais – Vale como Memorial Vale.

⁵ <http://www.ebx.com.br/grupoebx.php>

⁶ <http://www.vale.com/pt-br/conheca-a-vale/vale-na-sua-vida/paginas/default.aspx>

⁷ Ver, por exemplo, as informações levantadas pelo *Dossiê dos Impactos e Violações da Vale no Mundo*, levantado no I Encontro Internacional dos Atingidos pela Vale, em abril de 2010, disponível no blog: <http://atingidospelavale.wordpress.com/>

⁸ LEI Nº 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm

⁹ <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=20&sigla=PatrimonioCultural&retorno=paginaIpha>

¹⁰ http://www.uai.com.br/UAI/html/sessao_4/2009/03/22/em_noticia_interna,id_sessao=4&id_noticia=103477/em_noticia_interna.shtml

¹¹ In: FERNANDES, Florestan. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. 267 p.

Referências.

CHAGAS, Mário de Souza; SANTOS, Myrian Sepulveda dos; UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Imaginação museal museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. 2003. 307 f.

FERNANDES, Florestan. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. 267 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 245 p.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. 213 p.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, (SP): Editora UNICAMP, 2007. 535 p. (Espaços da memória).



SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 11^a. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. 473 p.

_____. *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: Publifolha, 2002. 221 p.

_____; SEABRA, Odette Carvalho de Lima; CARVALHO, Mônica de; LEITE, José Corrêa. *Território e sociedade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. 127 p.

